

# Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

## ASSIGNATURA

50 réis a entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

### PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 numeros, 2\$500 réis; Semestre ou 26 numeros 1\$300 rs.; trimestre ou 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II — 1 DE OUTUBRO DE 1882 — N.º 32 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

## ASSIGNATURA

### BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 1\$800 réis; semestre ou 26 numeros 4\$000 rs.; trimestre ou 13 numeros 2\$000 rs.; avulso 200 rs.  
São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. **Lino & Faro**, Rua do Ouvidor.

## SUMMARIO

GRAVURAS:— O Christo no tumulo; A bilha quebrada; Monges e Musicos; Diante do casal  
TEXTO:— Actualidades, por Gervasio Lobato. As nossas gravuras, por P. C. Horas de ocio. Victor Bastos, por Julio Cezar Machado. Rosicler, por Guimarães Fonseca. Um casamento em Marrocos. Dona Evornia, por Luciano Biart.

## ACTUALIDADES

O inverno está á porta.

*Provas:*— S. Carlos abre hoje com uma companhia magnifica, a não ser que os nomes que figuram no elenco sejam pseudonymos dos artistas escripturados: o Gymnasio abriu ha noites com uma come-

Todos os theatros de Lisboa estão em actividade, excepto aquelles que os poderes publicos condemnaram a imobilidade completa, o Principe Real, e a Rua dos Condes; estamos portanto em plena estação theatral.

Como os medicos vão ter que fazer santo Deus! Chegou-lhes o seu S. Martinho: agora os bons dou-

transformação notavel nos usos de Lisboa no theatro; transformação que se accentuou definitivamente nas recitas da sr.ª Marini. D'antes era costume chamar-se o medico quando havia uma doença grave, agora chama-se quando ha uma actriz nova:

O medico hoje é muito mais chamado para o artigo de critica theatral do que para a cabeceira do leito



O CHRISTO NO TUMULO

dia engraçadissima *La Villa Blaemignon* esplendidamente representada: D. Maria ja nos deu a sua primeira peça nova, o *casamento civil* do nosso estimado collega o sr. Cypriano Jardim; a Trindade prepara com grande actividade o seu novo repertorio; os Recreios inauguraram a sua epocha portugueza com o *Corcunda*, de Paulo Féval.

tores não teem mãos a medir. Actualmente as epochas theatraes são para elles, o que d'antes eram as epidemias.

Voltas que o mundo dá.

\*  
\*  
\*

Desde a Sarah Bernhardt começou a operar-se uma

do doente.

Ate ha cousa d'um anno, consultava-se o facultativo quando se tinha uma pneumonia: hoje consulta-se quando se tem uma tragica.

A medicina vae invadindo todos os campos, e não é facil tratar de um assumpto qualquer sem se encontrar logo um medico.

Commette-se um crime? Medico te valba. Commette-se um drama? Medico te accuda.

D'antes para julgar um criminoso usava-se d'um juiz e d'um jury, para julgar uma peça applicava-se-lhe um critico.

Tudo isto passou, hoje a sociedade quando tem na sua frente um assassino ou uma artista dramatica, manda logo chamar o doutor.

Não criticamos, registramos apenas o facto: não fazemos phylosophia, fazemos simplesmente historia.

Esta feição da critica theatral em Lisboa é inteiramente nova, original e curiosa. Os homens de letras passaram a mão aos homens de sciencia.

Na litteratura fechou-se um genero: nas escolas medicas abre-se uma cadeira.

N'outro tempo o publico quando queria formar o seu juizo acerca d'um actor consultava o critico que lhe merecia mais confiança; hoje consulta o seu assistente. Cremos que nunca ninguem se lembrou de ir ás consultas de Tardieu para saber o que havia de pensar ao certo de Frederico Lemaître, ia aos folhetins de Gautier e de Janin; a reputação do Epiphany, de Soller, de Emilia das Neves, chegou-nos cancellada por Almeida Garrett, Castilho, Lopes de Mendonça, não encontramos a assignar os seus diplomas os nomes do dr. Bernardino, do dr. Lourenço da Luz, do dr. Pereira ou do dr. Centazzi.

Quem fazia e desfazia reputações eram os homens da especialidade. Hoje os artistas dramaticos entraram na cathedra de doenças, quem diz sobre elles o seu veredictum é a faculdade de medicina. A especialidade continua a subsistir mas mudou de residencia. Poz escripto no palacio das Bellas Artes e foi alojar-se para as enfermarias.

D'antes para apreciar um artista era necessario um par d'annos de estudo de arte: agora basta uns annos de clinica.

O facto começou a manifestar-se nas recitas de Sarah Bernhardt.

No fim das *Damas das Camélias* não se perguntava o que dizia Pinheiro Chagas, ou Ramalho Ortigão, perguntava-se simplesmente o que dizia o doutor?

E as opiniões desencontravam-se ás vezes. O assistente do sr. A. tinha a respeito de Sarah Bernhardt opinião contraria á do assistente do sr. B.

— É uma grande actriz, dizia o sr. A.

— Ora adeus! Tudo o que ella fez é convencional, dizia o sr. B.

— A morte é admiravel!

— Nunca ninguem morreu assim, disse o outro.

— Ninguem? Va perguntar ao dr. que tem visto já morrer assim tres pessoas.

— Pois sim! mas o meu medico nunca viu morrer assim ninguem! E olhe que elle já me curou d'uma bronchite chronica com que dois medicos não tinham atinado.

— E o meu! Devo-lhe a vida! Se não fosse elle ainda eu teria a tenia! É uma grande actriz!\*

— É uma charlatan, e nada mais!

Nas recitas da sr.<sup>a</sup> Marini, como já dissemos, esta revolução nos habitos theatraes de Lisboa accentuou-se definitivamente.

Ahi a opinião do doutor sahiu dos bancos da platea para os artigos dos jornaes.

Tratava-se de comparar a sr.<sup>a</sup> Marini á Sarah

Bernhardt: uma comparação que fazia lembrar a do sr. Fontes com o principe de Bismark.

— A morte de Margarida Gautier pela sr.<sup>a</sup> Marini é muito mais humana, diziam os entusiastas da actriz italiana. Um medico nosso amigo disse-nos que aquillo assim é que era morrer. Depois d'isto atrevem-se ainda a fallar na morte de Sarah Bernhardt.

E a opinião do doutor entrou na critica escripta, para dar a ultima palavra sobre o assumpto. Ora nós sabemos perfeitamente que ha medicos que entendem muito mais de theatro e de arte, que alguns criticos, que por ahi ha, como ha tambem alguns homens de letras que em caso de doença nós preferiamos á nossa cabeceira a certos medicos; mas achamos muito curiosa esta reforma official na critica theatral de Lisboa e esperamos cheios de curiosidade o dia em que havemos de ver nas pharmacias lisboetas a aviar receitas assignadas por Antonio Ennes ou Julio Cesar Machado.

GERVASIO LOBATO.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### O Christo no tumulo

Contam-se aos milhares as pinturas que se inspiraram n'este assumpto, o mais tocante e o mais augusto que nos apresenta a historia da vida do Homem Deus.

«Ao cair da tarde, diz S. Matheus, um homem rico de Arimathéa, chamado José, foi ter com Pilatos e pediu o corpo de Jesus, envolveu-o n'um lençol limpo, e mettu-o no seu sepulchro novo que abrira na rocha; e, depois de ter rolado uma grande pedra para junto do sepulchro, foi-se embora. E alli estavam Maria Magdalena e a outra Maria, sentadas de frente do sepulchro! Sabe-se que os evangelistas contam como foi que os principaes sacrificadores, e os phariseus foram ter com Pilatos, para lhe pedir que o sepulchro fosse guardado até ao terceiro dia, porque Jesus dissera que n'essa data resuscitaria, e que logo se chumbou a pedra e se pozeram guardas ao pé. Ora na tarde de sabbado, continua S. Matheus, Maria Magdalena e a outra Maria vieram ver o sepulchro, e eis que houve um grande tremor de terra, porque o anjo do Senhor desceu do ceu, tirou a pedra para o lado, e sentou-se em cima d'ella. E os guardas ficaram de tal modo perturbados, que ficaram como mortos.»

O sr. Claxton, auctor do notavel quadro que reproduzimos, apanhou esse momento intermediario em que o Christo, ainda estendido, inanimado no seu frio leito, vai tornar á vida, o que é annuciado pela presença dos enviados celestes. O assumpto está concebido e tratado com uma verdade e uma poesia cheias de simplicidade e de grandeza ao mesmo tempo. Diante d'esta obra notavel, o pensamento procura naturalmente o mesmo assumpto tratado pelo pintor belga Wyertz que o concebeu de um modo muito diverso. Este representa o Christo mettido no tumulo, faz figurar a Virgem e as mulheres que a acompanham, tres dolorosas figuras que domina a physionomia severa de José de Arimathéa.

Não terminemos estas linhas sem dizer duas palavras do proprio Santo Sepulchro. Envolve o, cobre-o uma igreja, como o joalheiro encerra a joia. Esta igreja não é aquella em que foram enterados os piedosos Godofredo de Bulhão e Balduino. O templo elevado por Constantino, desapareceu no incendio de 12 de outubro de 1807. Foi um Grego da Turquia Camerano Caffa, que reconstruiu a igreja

moderna com a planta da primeira, e debaixo das abobadas d'este monumento, que se encontra o tumulo de Christo. O subterraneo cavado na rocha viva, onde foi estendido o corpo do Salvador, foi revestido de um envolvero de marmore branco. Alli está tambem a pedra de uncção que recebeu os preciosos despojos, perfumada por José com myrra e alôes. Esta igreja, verdadeira metropole da christandade, encerra tambem o Golgotha, e sobe-se por vinte e dois degraus ao pequeno planalto em que se erigiram as trez cruces.

### A bilha quebrada

Foi sempre essa uma das grandes desgraças da infancia. As mães confiam em geral ás pequenas essa tarefa agradável e facil de irem buscar a agua ás fontes murmurantes. Correm as raparigas com os pés nus pela relva molhada, chegam á fonte em torno da qual gorgueiam na densa folhagem os passarinhos. D'ahi a pouco o jorro de chrysal canta sonoramente no barro da bilha que se vai enchendo a pouco e pouco. Já trahorda, já a agua se derrama pela relva circum-acente. Então a pequena que brincava com as outras levanta a amphora graciosa por onde a agua escorre em mil perolas luzentes, põe-n'a outra vez á cabeça, mas n'essa operação agora mais difficil, quantas vezes ocorre um desastre! Lá se parte a bilha, e a pequena lavada em lagrimas deplora amargamente o seu infortunio.

Então muitas vezes no seculo XIII, e nos campos verdejantes banhados pelo sol resplandecente de Portugal e Italia, encontravam as pequenas um frade de rosto macerado, e de doce olhar, que entendia, como o seu patrono S. Francisco de Assis, o canto mysterioso dos passarinhos, e as lagrimas das creanças, esses passarinhos sem azas. O frade abaixava para ellas o seu meigo olhar, impregnado em todos os esplendores do Emyreo, sorria-se para essas lagrimas innocentes, pegava com as suas magras mãos brancas na bilha partida, e o barro, obedecendo a esse contacto divino, unta-se de novo, juntavam-se espontaneamente uns aos outros os cacos vermelhos dispersos, e as pequenas maravilhadas achavam-se outra vez com as suas bilhas intactas que tornavam a encher de agua murmurante. E com vago esplendor banhava a fonte crystallina, e os passaros-conhecendo o seu doce amigo, saltitavam um gorgueio cada vez mais afinados e harmoniosos, e o pen, sativo frade continuava o seu caminho, enlevado nos sonhos mysteriosos da sua alma angelica.

Sabem quem era o frade? Era o nosso bom, o nosso candido Santo Antonio, o que nasceu em Lisboa e foi morrer a Padua, o franciscano eloquente que amava as crianças como S. Francisco de Assis amava as criancinhas, o santo que é ainda hoje o protector dos innocentes folguedos da sua noite abençoada, como S. Francisco de Assis é ainda hoje o apostolo de tudo quanto ha mais candido e mais puro nas almas verdadeiramente christãs.

Mas infelizmente Santo Antonio já não percorre de manhã as campinas orvalhadas, e as crianças, quando quebram as bilhas, já não encontram o frade melancolico para lhes enxugar as lagrimas, arrancal-as por esse terrivel desastre.

### Monges e musicos

E' facil defender os conventos, e mais facil ainda atacal-os. E' facil descrever-se um mosteiro povoado de ignorantões apenas, occupados toda a santissima vida a encher a pança com os melhores manjares e os mais ricos vinhos do paiz inteiro, é facil mostrar-os todos entregues ás intrigas monachas disputando violentamente entre si a eleição de um

abbade, de um guardião, de um definidor; lembrar a influencia funesta que elles exerciam no seio das familias e na direcção dos negocios publicos; provar que frequentemente o mosteiro se mudava em prostibulo, e que os conventos de freiras principalmente eram verdadeiros alcouces, onde as comunidades se recrutavam, sem appellar para o seculo, com as filhas das freiras que iam fallecendo. Não é menos facil tambem pintar os conventos como os austeros asylos da sciencia e do trabalho, lembrar a legião de frades que enriqueceram a litteratura de todos os paizes com obras immortaes, os poemas do claustro, as prosas delicadissimas, as vastas compilações historicas, as investigações paciente e zelosamente dirigidas, as immensas bibliothecas pausada e incessantemente colleccionadas, as obras d'arte maravilhosas emfim que brotavam do fundo das mysticas cellas, os quadros magistraes que o artista, vestido da rude estamemha, pintava sósinho com a sua inspiração, nos altares sagrados da igreja mysteriosa e sombria, as melodias admiraveis que brotavam debaixo dos dedos do organista arrebatado n'um verdadeiro extasi, sem fallar emfim em mais humil-des obras de arte, mas não menos apreciadas, os deliciosos pasteis das freiras, os finos licores dos frades, porque os habitantes dos claustros tinham dividido entre si o fornecimento dos banquetes olympicos dos prelados; as freiras preparavam a ambrosia em Odivellas debaixo da fôrma perfeitamente madrigalesca de corações de marmelada, os frades cuidavam do nectar verde ou doirado, que se encerrava nos frascos de cristal, com o nome de kermann ou de chartreuse.

Os frades que a nossa gravura representa, pertencem á classe dos artistas; são da familia d'esses mysticos que sonhou Hoffmam, que devaneou George Sand, e que consumiram a vida no fundo das suas cellas, procurando nos recessos ignotos do seu violão plângente a alma occulta da natureza. São esses que compõem os grandes poemas terriveis da musica sagrada: os *Dies irae* e os *Misereres*, são esses que se arrastam, macrobios quasi sinistros, pelas lagas da igreja e que, empunhando com os dedos tremulos o arco, arrancam do seio do violoncello a expressão sublime de todas as suas tristezas mysticas, o echo dos seus gemidos abafados, os gritos de revolta da natureza humana contra a asperissima estamemha, as aspirações ineffaveis da sua alma para o grande ideal religioso, e as confidencias que lhes fizeram os santos de pedra, evocados pela sua fé, na hora triste das matinas. E o povo escuta-os enlevado e quasi aterrado, porque o cenobio áquelles que todos no cenobio se absorvem dá uma grandeza sobre-humana e tragica. Taes são os nossos dois velhos artistas, e visto pela fresta da cella onde os dois *virtuosos* se agitam, o mosteiro é sublime, mas visto pela fresta da dispensa e da adega o convento é odioso e ridiculo, como essa abbacia de Thélème que Rabelais descreveu.

**Diante do casal**

A scena é encantadora, e Eugenio Verbrelkoven, o pintor belga que a traçou, mostra conhecer a fundo as scenas do campo. Alli está o casal com o seu tecto rustico, a nogueira que o ensombra. A' porta a caseira conversa com a vizinha, enquanto as vacas esperam serenamente que ella as vá ordenhar, enchendo com o seu leite espumante a jarra que se vê á porta. Para o outro lado vê-se um cesto que ha-de vir a encher-se com as forragens destinadas para o sustento dos animaes. Alli uma arvore prostrada serve de abrigo a uma gallinha, que rodeia a

sua ninhada de pintos, enquanto o sultão de crista escarlate solta o seu canto alegre e victorioso, os carneiros tosam a relva tenra; um cavallo solto fita a orelha, escutando de certo algum rumor onginquo, enquanto as cabras e as vaccas dobrando as patas debaixo do corpo, ficam na immobilidade serena dos entes que não atormenta o pensamento; uua bebe a agua dormente da lagôa, onde nada um bando de patos. Alguns arbustos dispersos projectam aqui e além a sua magra sombra, enquanto no horisonte pairam ainda os vapores azulados da manhã, e a planicie se doira com os vivos clarões de um raio de sol. Tal é a paizagem serena que a nossa gravura reproduz, e que ainda parece deliciosa, apesar de lhe faltar o colorido do quadro original.

P. C.

**HORAS DE OCIO**

**Salto de cavallo**

to-	mo	nós	a	as	tá	ra
de	que	das	es-	pa-	nós	con-
xi	bre	que	mes-	mos	que	mui-
ra	ge	o	Deus	to	sas	me-
so-	pro	mos.	mais	a	es-	o
lon-	p-	nos-	me-	mui-	per-	e
so	mos	to	to	o	a-	tá

**Palavras quadradas**

N'este tempo meu leitor;  
Um homem sou de poder,  
E criada de valor.

A. M. SEDENG.

**Charada**

Ao ex.<sup>mo</sup> Director litterario do Jornal do Domingo

Á beira mar sentada. Não te minto.  
Não sei se a hespanholada foi feliz,  
pois contam haver dicto Carlos V,  
poder metter ali toda a Pariz.—1

Não vás buscar somente á Nova Goa  
nobreza que tomou tal appellido:  
tambem se emprega em gente de Lisboa,  
embora pouco uzado ou conhecido.—2

Estrenuo caçador, prepara o tiro,  
por alvo aqui me tens: não é um sonho  
humilde e sertanejo não retiro,  
não quero que me tenhas por bisonho.

S. M.

**Soluções do n.º 30**

*Charada*—Beijado.

*Anagramma*—Ria.—Air.

*Acrostico duplo*:

P A R I S  
O U V I A  
R O S A L  
T I N H A  
O L H O S

**Soluções certas**

*Charada*—Hamlet (Merceana), A. Marques Guedes (Vizeu), Edipo, B. C. (Vianna do Castello), X. Y. Z. Carmelita. Zero (Castello-Branco) Botão de Rosa (Evora)

*Anagramma*—Moell, Hamlet (Merceana), A. Marques Guedes (Vizeu), X. Y. Z., Edipo, B. C. (Vianna do Castello), Carmelita, Candido Gomes, A. M. Z. (Faro) Zero, (Castello-Branco),

*Acrostico duplo*—Carmelita, B. C. (Vianna do Castello), Edipo, Zero (Castello Branco) Botão de Rosa (Evora).

**VICTOR BASTOS**

(Continuado de pag. 247)

Sentindo-se protegidos, os artistas portuguezes, avistavam risonha a epoca, e amplo o horisonte: tiveram confiança no futuro.

O senhor D. Fernando, então regente do reino, dera vivas demonstrações de agrado e de interesse a Victor Bastos, logo que appareceu exposto o modelo da estatua no verão de 61 ou 62; e encomendando quadros aos principaes pintores, conferiu-lhes, na estimação que lhes dava, o mais doce premio á estimação d'elles, e verdadeiro incentivo para se animarem e progredirem. A *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil* registrava essa influencia protectora e benefica. Os pintores tiveram a sua hora de moda, apesar dos tempos irem a tender para o positivismo, e de estar principiando a correr a voga, mais que para todos, por aquella occasião, para os engenheiros.

Os artistas exultaram; dando, á sua alegria, a exaltação, que dão a tudo. Tem, entre todos os artistas, o pintor, a vantagem, de não precisar, para existir, para que se dê por elle, que nenhum elemento estranho o ajude; é elle, por si só, o pensamento que cria, e a mão que executa, auctor e interprete: para dar vida á sua obra não precisa de gente estranha, nem de espiritos alheios, que traduzam, mais fielmente ou menos fielmente, a sua ideia; sósinho se apresenta ao publico, e, completo, desde logo; encarnando no seu trabalho, vivendo vida propria, sem partilhar glorias ou derrotas com mais ninguem: é até a unica manifestação da arte, que admite exposições, por assim dizermos, pessoas! E, tanto é assim, e tanto os pintores perceberam que isto assim é, que foram elles que inventaram as exposições,—moda que vem de longe, e que na Grecia se usou a titulo de consultar a opinião do povo, expondo os trabalhos nas praças publicas, e debaixo dos porticos, para dar occasião a que o estado escolhesse os que lhe agradassem, a fim de ficarem sendo propriedade nacional, ou para estabelecer a superioridade relativa dos artistas, tendo em vista a instrucção publica e o progresso das artes. Os nossos artistas exultaram durante um periodo d'aquella epoca, é certo; mas, ou levaram... longe de mais as suas esperanças, e os seus sonhos, de felicidade, ou, as indisposições, despeitos, contrariedades, a preocupação constante nos artistas de serem guerreados, e a consciencia, que lhes voltou, mais pesada e sombria, de não haver por cá,—e realmente a não ha—grande dedicação pelas artes, nem se encontrar aqui a aclamação, o applauso, o interesse, a solemnidade de julgamento, a sinceridade de critica e auctoridade de opinião de eméritos, que sejam, como se diz na Italia, uma *congregazione di virtuosi*, sempre promptos a occuparem-se dos interesses e engrandecimento dos artistas,

fizeram, depressa, impallidecer, n'essas almas entusiastas, as esperanças mais radiosas.

Desconfio, que, tendo dado *in petto*, ao senhor D. Fernando um posto de honra, que equivallesse, só por si, áquella familia de genios, que se distinguio entre as divindades do paganismo, a que se chamava Deuses lares, queriam todos tel-o, a toda hora, e em toda a parte, na Academia, no *atelier*, e em casa, como padroeiro infatigavel! Não deveria ser, aqui para nós, uma conezia, isso, de passar em julgado como *rei artista* e protector dos ar-

prio? Não o sei; se ha, algures, um principio visivel de aristocracia natural, é na distincção nativa dos espiritos; e, sob este ponto de vista, elle é um aristocrata; ainda quando tivesse havido alguma sombra de ressentimento em seu animo, o seu gosto, e o seu orgulho, havel-o-hiam tornado superior á mais leve demonstração que o revelasse.

Tudo então esmoreceu, é o caso; e foi, por essa epoca, de repente, para tudo, como se fugisse para não voltar, a esperança. Morreu o grande animador popular, e morreu o rei animador: José Estevam,

mem raro, por um trabalho que é um primor. Na estatua de *D. Pedro V*, destinada a uma das praças de Castello de Vide, reproduziu, admiravelmente, na posição natural e franca, que lhe era caracteristica, a figura, melancolica e pensativa, do monarcha. As estatuas do arco da Praça do Commercio, *Viriato*, *marquez de Pombal*, *Vasco da Gama*, *Condestavel*, *Tejo e Douro*, são consideradas como obras das mais notaveis; — a estatua colossal do monumento de *José Estevão*, e a Estatua de *Camões*, estão julgadas como obras primas, e, es-



A BILHA QUEBRADA

tistas... seus collegas em pincel, sem desmerecer dos compromissos de *ídolo*, de que elles, por ventura, o não dispensassem, uma vez que, consagrando-lhe esse epitheto da ternura pagã, n'elle confiavam tudo, e d'elle, tudo esperavam!

O certo é, — e não me proponho averiguar mais — que, de certa data em diante, nunca mais os nossos artistas foram tão propensos em attestar a proposito de tudo o *rei artista*, como os personagens das tragedias attestavam os deuses.

Houve motivo para se ressentirem? Teve-o Victor Bastos, por alguma maneira, tambem, e ressentiu-se de quebra de esperanças ou illasões, elle pro-

e D. Pedro V. Artes, letras, gosto, aspirações, tudo mudou. Chegou uma casta, que fez novidade, pelo meio da qual vinha gente que trazia relógios, bandeijas, bronzes, castiças, para dar em premio a assignantes e a compradores, distanciando-se, assim, dos concorrentes, ao lançar prospecto para qualquer coisa...

A tendencia da indole de Victor Bastos, foi sempre a de honrar o genio; soube, por isso, resistir; e nunca lisongeu os poderosos e os felizes do mundo. É vasta a lista dos seus trabalhos! Quando morreu Rodrigo da Fonseca Magalhães, elle, sobre um molde de cera, perpetuou logo a memoria d'esse ho-

tes triumphos, são tanto mais significativos, quanto a esculptura ainda não é, e não será talvez nunca, popular, em Portugal.

Nos paizes, em que as maravilhas da arte são tambem recordações da historia, — memoria civica e obra de arte ao mesmo tempo, como a fonte que levantaram na praça em que foi queimado o Savonarrola, ou a *Judia* do Donatello, que lembra a fuga de Pedro de Medicis e simbolisa a queda da tyrania; vê o povo na arte como que uma exaltação da vida publica, a proclamação da virtude patria; não ha garotete em Florença que não conheça o Miguel Angelo. Vivendo com a arte desde pequenos, vão-lhe

penetrando os entido, mercê da aprendizagem constante, que, a toda a hora é regalo dos olhos, que se bebe e se respira no ar; e é como se vissem vida recíproca, o marmore para o povo, e o povo para as estatuas... E isso, não se dá em Portugal verdadeiramente, senão com a figura do Camões, á força de ser, para esse, a esculptura, como que um fructo penetrado pelo sabor do chão! Sae-nos da alma; exprime a ideia da patria; inspira-se do

em honra da singelesa do seu temperamento, a descer cá para baixo, em sendo preciso, para ficar ao nivel de toda a gente, sem ares emphaticos de divinizar-se, nem relampagos de phrase, que deixem as pessoas, espantadas primeiro, e, logo depois ás escuras.

E' um campo, que cresce á medida que se explora, a arte; e, o natural de Victor Bastos tornou-se mais austero, á proporção que mais tem estudado,

meiros dias d'este mez, e vendo-me elle olhar para a Venus que lá tem, aquella grande Venus de Milo, á qual de tantas vezes se tem contestado ser do Praxiteles, dizendo-se que não podia ser tal, visto como o Praxiteles só usasse cortesãs para modelos das suas deusas, amolecendo o marmore que o Phidias divinisára, e inflammando a Grecia em ardores impuros; ao passo que, essa Venus, seria nascida de uma concepção ideal, sem semelhanças mundanas nas



MONGES E MUSICOS

sentimento da nossa gloria. Realizando esse admiravel trabalho, Victor Bastos não fez só uma grande obra, mas excitou a nacionalisar a esculptura entre nós.

Uns tempos de liberdade, que lhe permittiram viajar e colher «de visuo» os documentos indispensaveis para uma educação artistica completa, fortificaram-o pelo estudo e pela contemplação, robusteceram-lhe o animo, que, desde os primeiros ensaios, se mostrara vigoroso, permittindo-lhe familiarisar-se com as obras primas, e tornando-o apto para se deliciar nas alturas da arte,—o que o não impede, diga-se

que mais viu, que mais se lhe alargaram os horizontes, que os aspectos foram mudando, e que melhor se sentiu preparado para o trabalho, pelo duplo poder da sua natureza de artista e de estudioso.

Porque é, e tem sido, um estudioso, um applicado, quasi um solitario, apesar das suas relações mundanas e dos modos singelos do seu trato.

E' lá o seu mundo, a arte; na formidavel tarefa, nos promenores infinitos, de uma dedicação sincerra, calada, das portas para dentro do seu atelier.

Foi ahí mesmo, que, indo visital-o n'um dos pri-

feições, sena que aquelle corpo formoso, em que a força reveste a graça, revelle coisa que não esteja disendo haver sido gerado pelo espirito, fecundada pela ideia, e não pela presença de mulher alguma; ainda, n'um dos primeiros dias d'este outubro, em que vamos, elle me disse, contente, como de uma felicidade propria, que se havia encontrado, agora, outra estatua do Praxiteles, inquestionavel, indubitavelmente, d'elle, e no mesmo estilo, de todo no mesmo estilo, d'esta Venus, d'este typo sobrehumano, d'este pensamento eterno: hoje comprovadamente d'elle, d'elle Praxiteles!



servindo-nos a propósito de uma celebre locução popular, a repelle indignado, não querendo apanhar gato por lebre.

Observei em quasi todos os semblantes uma anxiedade muito viva.

O pae, os parentes e os amigos da noiva esperavam com a maior impaciencia que seu esposo disparasse o ditoso tiro, o que entre os mouros confirma e revalida o matrimonio.

O tiro, porém, não se ouvia.

A impaciencia dos que aguardavam quasi chegou ao cumulo, impaciencia que se manifestava por um surdo borborinho.

De repente a porta da casa do noivo abriu-se de par em par, e um mouro ainda joven appareceu dando a mão a uma mulher, coberta dos pés á cabeça, com uma tunica branca.

Era o marido que regeitava a esposa!

Esta portanto tinha de voltar para o lar paterno, maculada com uma eterna vergonha, terrível phantasma de todo o seu futuro.

D'entre a comitiva saiu apressadamente um ancião, de tão longa barba que quasi lhe chegava á cintura, e approximou-se da porta com ligeireza superior á sua idade.

A pallidez do velho, em quem reconheci logo o pae da noiva, era tão pronunciada como a pallidez do cadaver, causando terror e compaixão ao mesmo tempo.

Os olhos do infortunado pae pareciam despedir chammas e o nariz dilatava-se-lhe aos impulsos de reconcentrado furor.

—Que succede, *sir* Abderrahamam, perguntou elle com voz cavernosa.

—Succede, respeitavel Guamut, respondeu, que tua filha é uma mulher impura, indigna de ti e de mim, pois que manchou vilmente as tuas venerandas cans. Eu t'a devolvo!...

E ao dizer isto apresentou-lhe a mulher, que exhalou um doloroso gemido e foi prostrar-se aos pés de seu pae.

Este repelliua ferozmente, e a infeliz recuando foi cahir de encontro á parede da casa de que era repudiada tão ignominiosamente.

—Sinto deveras a tua desgraça, *sid* Guamut, disse Abderrahamam, observando que pela face enrugada do ancião brilhavam duas lagrimas, que foram perder-se ou occultar-se envergonhadas entre a sua longa barba.

O velho não tardou em dominar esse instante de enternecimento, e exhalando um rugido feroz, como o podia fazer um tigre, desembainhou a curva adaga que trazia á cintura e oscilou-a iracundo e terrível contra sua filha.

A adaga é uma arma feroz e barbara, uma ferida causada pela sua aguda ponta quasi sempre é mortal.

A multidão soltou um grito de horror.

A infeliz moura, implorando compaixão, cahiu de joelhos aos pés de seu pae com as mãos postas e os olhos rasos de lagrimas.

A tunica tinha-se-lhe desprendido do rosto, e a populaça ávida de curiosidade, contemplava a misera com a mais expressiva admiração.

Era uma formosa rapariga, de olhos e cabellos pretos, nariz correcto e labios de côr provocadora. Ajoelhada e tremula de terror, vergando ao peso da ira paterna, dir-se-hia a imagem da desconsolação.

Todos nutriam por ella terno e intimo sentimento de compaixão, que se manifestava por um murmuro abafado, irrequeto!

Os que estavam mais proximos do desgraçado

pae, e até o proprio Abderrahamam, intentaram deter-lhe o braço irado, mas foi tudo em vão.

Aquelle braço que brandia com furor a arma mortifera, cahiu com rapidez sobre o peito da joven, que agonizou por terra exhalando um profundo gemido.

A multidão, que presencava horrorizada aquella scena deploravel, deu um grito espantoso, unisono, que devia repercutir dolorosamente no coração de Guamut.

E' que, por fim, sempre era pae!

O desditoso velho contemplou com assombro, com reflectida expressão de idiotismo, o corpo inanimado da filha, e depois arremessando a adaga ensanguentada fugiu precipitadamente por entre o povo que lhe abriu caminho com um respeito misturado de terror.

A moura succumbira victima da barbara justiça de seu pae. Este, no dia seguinte ao da terrível catastrophe, tinha endoidecido.

## SCENAS DA VIDA DO MEXICO DONA EVORNIA

POR

LUCIANO BIART

II

(Continuado de pag. 248)

Pelas seis horas da manhã, isto é, ao romper do dia, soube que logo depois de eu sahir Evornia, indo de encontro aos costumes da terra, tinha despedido as visinhas que vieram acompanhá-la. O procedimento da viuva causou na cidade uma especie de escandalo. Alem d'isso, affirmava o guarda que Evornia estivera á janella algumas vinte vezes durante a noite olhando para o sitio, em que o marido fora morto. Por esta dupla infracção parecia já não ter direito á piedade.

—Aquella mulher não tem alma de christã, diziam-me as minhas velhas doentes contando-me os factos durante a visita.

Mas ai! Evornia era joven e bella; eis o motivo, julgo eu, que tornava as pessoas do seu sexo tão pouco indulgentes para com ella.

As oito horas fui procurado por um alguazil trazendo uma ordem assignada pelo primeiro alcaide, presidente do conselho municipal, «para proceder, sem escusas nem dilações de especie alguma, á autopsia no cadaver de Dom Filipe Aceval morto na noite de 21 para 22 de junho de 1848.»

Quando entrei no amphitheatro, já estavam no seu posto, dois internos do hospital, e logo em seguida appareceu o regedor, cuja presença é exigida por lei quando se faz uma autopsia judiciaria. O pobre homem não estava lá muito á sua vontade. Sentou-se e começou a olhar para o cadaver com medo, e dando mostras de inquietação quando observou os preliminares da operação.

As feições de Filipe não tinham experimentado alteração alguma; parecia que estava a dormir. Seguindo o processo verbal, foi encontrado de braços estendido no passeio. Nenhum vestigio de lucta; um minucioso exame tinha demonstrado que não fora o roubo o movel do crime; a victima devia ter andado sem desconfiança para junto do assassino.

A ferida, de cinco centimetros de largura, abria-se entre a sexta e setima costella esquerda. Pareceu-me feita com uma d'aquellas facas de dois gumes, que trazem os operarios de tabaco, arma terri-

vel pela qual o povo mexicano mostra grande perilección, talvez porque não falha nem perdoa. A sonda accusou uma profundidade de oito centimetros: a lamina tinha penetrado obliquamente debaixo para cima. O assassino, segundo todas as probabilidades, devia ser de estatura menor do que a victima. Havia uma particularidade, que me feriu a attenção: a ferida, em toda a profundidade, tinha uma largura uniforme. Por consequencia a faca era nova, pois as que usam os operarios sendo afiadas constantemente, tornam-se depressa mais finas na extremidade. No corpo, que analysei minuciosamente, não se notava nenhuma lesão, nem contusão.

O coração, esse musculo vivo, esse phenomeno, esse desespero dos physiologistas, devia ter sido offendido na auricula direita. No momento em que eu serrava as costellas para observar a cavidade do peito, senti o ruido de um corpo pezado cahindo no chão; o regedor, em quem já ninguem pensava, tinha desmaiado e cahido da cadeira. Transportámo-lo para o ar livre, e o homem depressa tornou a si, e disse-me com ar de grande susto:

—Não é verdade que elle disse: doutor!

—Quem?

—Elle, o morto.

Não pude conter o riso, tranquillisei o valente regedor, que ainda pallido affirmou-me que já tinha visto muitos defuntos.

—É verdade, doutor, accrescentou elle, que eu hoje ainda estou em jejum.

N'essa occasião trouxeram-nos a chicara de chocolate e o pãozinho, a que dá direito o serviço dos hospitaes. O regedor, quiz tomar o seu chocolate, mas não pôde beber um só gole. Aconselhei-o a que fosse para o vestibulo; seguiu o conselho, affirmando outra vez que já tinha visto muitos defuntos.

Eu não me tinha enganado; o coração de Filipe deixou de bater instantaneamente. Fallando da circulação, essa gravitação interna descoberta por Harvey, discuti com os meus discipulos sobre a força de impulsão de coração. Um d'elles, seguindo as doutrinas de um physiologista da Allemanha, reputava aquella força igual a um pezo de noventa mil kilogrammas; esquecia-se porem de que as arterias e as veias são dotadas de uma acção muscular que, secundando os movimentos do coração, reduzem a força, que elle deve despender, a trinta kilogrammas pouco mais ou menos. Um calculo mais exacto, e que cada ventriculo do orgão tão bem estudado por Bouillaud em França, por Testa na Italia, por Hope em Inglaterra, por Burdach na Allemanha, contem uma onça de sangue. Ora, como o coração contrahe-se quatro mil vezes por hora, segue-se que distribue aproximadamente dois mil e oitocentos kilogrammas de liquido em vinte e quatro horas. Os meus discipulos pareciam orgulhosos com estes numeros. Eu porem, lembrando-me de que, segundo Bunsen, o coração d'um outro mamifero, a baleia, lança, cada vez que se contrahe, sessenta libras de sangue n'uma aorta de meio pé de diametro, senti-me humilhado.

Tinha concluido as minhas observações e redigido o meu relatorio quando entrou o juiz. Por informações fidedignas soube-se que Dom Filipe, quando foi atacado, sahia de casa de uma rapariga conhecida na cidade pelo nome de *Grega*. A Grega que pertencia ao numero das minhas doentes, era uma formosa mulher, de costumes um tanto livres—pelo menos é o que se dizia. Reuniam-se em sua casa muitos mancebos atrahidos pela sua graça e belleza. N'essas reuniões dançava-se, conversava-se, pro-

curava-se principalmente agradar á deusa do templo, cuja mãe, uma india velha, encarquilhada, fallava mal o hespanhol. Dom Fillipe antes de casar, tinha amado a gentil estrangeira—ella passava por ser natural de Guadalaja.

A Grega, que devia este cognome á regularidade harmoniosa das feições, não poude dissimular a cohera e o despeito, que lhe causou o casamento do amante.

—Hei de matal-o! ouviram da sua bocca varias testemunhas.

E durante um mez fechou a porta, frequentou assiduamente as egrejas, renunciou ás festas, ás corridas de cavallos e de touros. Falsa conversão; pouco a pouco foi entrando outra vez na sua vida de divertimentos. N'uma palavra era ella que o juiz suspeitava auctora do crime. Era factó positivo que Filippe quinze dias antes principiara a ir amiudadas vezes á casa da sua antiga amante, e que passara lá as horas que precederam a da sua morte.

—Mas ha muito tempo que Valentim Solar é o preferido da Grega, disse eu ao juiz; está por tal

ga, Valentim, talvez até Dona Evornia, e contei com o doctor para a ir dispondó para esse cruel interrogatorio, para uma acareação possível.

—Vae mandar prender a Grega e Valentim?

—De certo. Agora a viuva reclama o corpo do marido; ordene que seja transportado para casa d'ella, doctor.

—Fiz um cumprimento ao magistrado, homem grave, incapaz de tratar as coisas no ar. Tive de abrir passagem por entre a multidão, que estacionava deante do hospital, commentando o assassinio da vespera. A' porta da victima nova affluencia de curiosos, fallava-se já da prisão da Grega e de Valentim, e com grande admiração minha era eu o unico que me espantava das suspeitas, que recabiam sobre elles, e era o seu unico defensor.

Na sala de Evornia encontrei um leigo que bocejava com toda a força esperando pelo frade, que estava encarregado de acompanhar. Passado pouco tempo saiu o frade do quarto da viuva rezando de mãos postas, cabeça coberta com o capuz. Quando me vio benzeu-se para terminar a oração.

mãos aos olhos, e foi correndo a ajoelhar-se deante da imagem da Virgem.

Estive um momento callado, examinando aquelle bello corpo abatido; e enterneceu-me a lembrança dos soffrimentos que deviam torturar-lhe o coração, que ainda batia implacavelmente. A viuva levantou-se, contemplou o filho que dormia, e sentou-se novamente na poltrona. O seu olhar tinha, como na vespera, uma expressão dura, inquieta, feroz. Sem por fórma alguma revelar-lhe as suspeitas do juiz, annunciei-lhe a possibilidade da sua visita. Evornia, tomada de um ligeiro tremor, ergueu-se, dirigiu-se para a janella, parou, debruçou-se com um movimento agitado para o sitio, em que fôra morto o marido. Fui busca-la para a poltrona, ao que ella annuo; porém não lhe pude arrancar mais do que monosyllabos. Lagrimas, soluços, gritos de desespero, Evornia, por um supremo esforço de vontade, continha essas expansões ruidosas, naturaes ao seu sexo, e conservava uma tranquillidade exterior, de que eu não agoirava muito bem.

Pelas cinco horas da tarde, quando acabei as



DIANTE DO CASAL

fórma apaixonado que quer casar com ella. O senhor juiz não deve ignorar estas particularidades.

—Não, de certo; mas também sei que Valentim foi sempre rival de Dom Filippe e que eram inimigos.

—Elles fallavam-se. Valentim é um homem honrado, capaz de uma fraqueza, mas incapaz de uma cobardia.

—Se o doctor já esteve apaixonado alguma vez, peço-lhe que medite na belleza, na graça, na seducção da Grega, e pergunte a si mesmo deante de que loucura recuará aos vinte annos, instigado por aquella sercia!

—Tenho coração e também amei, senhor, respondi cheio de commoção; mas o sorriso da mulher mais formosa do mundo, ainda que ella tivesse o seio tão gabado de Helena, as formas divinaes de Phryne, os encantos de Cleopatra ou o porte magestoso da Grega, seria impotente para me levar a brandir o ferro e assassinar o meu semelhante.

—Tem razão, doctor, disse-me o juiz apertando-me a mão; porém não é do doctor que se trata. É minha obrigação, continuou elle, interrogar a Gre-

—Que desgraça! exclamou levantando os braços.

—Como está a sua penitente? perguntei.

Olhou para mim, sacudiu a cabeça para deixar cahir o capuz, e poz o chapéu de grandes abas da sua ordem.

—Uma alma de ferro, respondeu continuando a fitar-me.

Depois, seguido do leigo, afastou-se abençoando a multidão, que toda se ajoelhava deante d'elle.

Quando me introduziram no quarto em que eu tinha entrado na vespera, as portas das janellas fechadas interceptavam a luz exterior, e só uma lamparina illuminava todo o recinto, que era grande. Evornia, sentada junto do berço do filho appareceu-me vestida de preto. Não queria tomar alimento algum; tinham'o dito já a creada. Tomei nas minhas as mãos da infeliz senhora; estavam geladas. Com a auctoridade que me davam a minha idade, a minha profissão, a minha antiga amizade, fallei-lhe dos seus deveres, do seu filho. Abri uma das portas da janella censurando aquelle completo retiro, aquella escuridão. A luz entrou em jorros no quarto; Evornia, surpreendida, ofuscada, levou rapidamente as

visitas, entrei em minha casa á pressa. O administrador dos correios acabava de entregar-me uma pequena caixa, que me fôra remettida da fazenda do Mirador pelo correio de Huatusco. Havia muito tempo que varios *rancheros* contando-me segundo o costume do Mexico, os remedios caseiros que tomavam desde creanças, tinham-me fallado de *sementes animadas*, que sendo cosidas, e tomadas em jejum curavam radicalmente as dores do figado. O mais espantoso é que, segundo affirmavam os narradores, tão radicalmente curados que precisavam de recorrer ás minhas receitas, as taes sementes obedeciam a um movimento continuo de rotação. Prometteram-me cem vezes mostrar-me o tal phenomeno, que eu já tinha inscripto no rol das fabulas. Ultimamente o mordomo de Mirador, tendo-me asseverado de novo a existencia das sementes animadas, emprazei-o a convencer-me da verdade, mostrando-m'as. Imagine-se portanto a minha anciedade. A caixa, que eu tinha na mão, foi enviada por elle.

(Continua).